

A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO DA HISTÓRIA: MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ (1932-1935). CRISTINA RODRIGUES HOLANDA. MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). BOLSISTA DA FUNCAP (FUNDAÇÃO CEARENSE DE AMPARO À PESQUISA).

“... os museus são muito mais do que meros recipientes para os objetos nele exibidos (...) tem sua própria história e podem nos dizer muito sobre a época em que foram construídos.”¹

As primeiras instituições museológicas, inauguradas no Brasil, contaram com o apoio oficial de D. João VI, como o *Museu da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios* (1815) e o *Museu Real* (1818). Ambos seguiram o modelo de outros estabelecimentos europeus da época, apresentando coleções de “*curiosidades criadas pela natureza ou pelo homem*”² expostas mais para a admiração do público, do que pensadas como instrumentos para o ensino e a pesquisa científicos.

Somente em fins do século XIX outros museus foram criados no Brasil, alguns de grande projeção, como o *Museu Nacional do Rio de Janeiro* (antigo *Museu Real*), o *Museu Paulista ou Museu do Ipiranga* e o *Museu Paraense Emílio Goeldi*. No Ceará, mais especificamente em sua capital, Fortaleza, duas entidades congêneres surgiram, com um aparato mais modesto e com o incentivo de particulares, no tocante aos custos e a organização: *Museu Provincial* (1865)³ e o *Museu Rocha* (1894)⁴.

Todas as instituições citadas, apesar das suas respectivas particularidades quanto a sua constituição, passaram a cumprir um papel relevante no incentivo dos estudos em ciências naturais e antropologia física no país, personificando um certo ideal de cientificidade e objetividade igualmente almejado em muitos museus na Europa, orientado por teorias evolucionistas de cunho racial. O diferencial é que, partindo da coleta, análise, classificação e exposição de itens da fauna e da flora locais, buscava-se às origens do homem brasileiro⁵.

A despeito do progresso material que o Ceará passou a desfrutar, na virada do século XIX para o XX⁶, a primeira instituição museológica oficial, mantida integralmente pelo governo estadual, foi fundada apenas em 1932, sendo franqueada ao público no ano seguinte, em Fortaleza. O *Museu Histórico do Ceará*, como foi nomeado, ocupava duas salas do também recém-criado Arquivo Público do Estado⁷, sob a direção do intelectual Eusébio Néri Alves de Souza⁸, que exerceu o pioneirismo de tal cargo, no período de 1932 a 1943.

Ao contrário de seus antecessores, o foco das atenções do Museu Histórico desviou-se do estudo das ciências naturais, direcionando-se prioritariamente para a coleta, classificação e

exposição de objetos que possibilitassem “... o conhecimento da história pátria, especialmente do Ceará, bem como o culto das nossas tradições”.⁹

Mesmo com a saída de Eusébio de Souza da sua gerência, o Museu Histórico continuou atuando e sobreviveu até os dias atuais. Passou pelo controle de muitos diretores; mudou algumas vezes de endereço e de denominação¹⁰; dividiu atenções e verbas com outros museus que foram surgindo no Ceará; desvinculou-se do Arquivo Público, filiando-se ao Instituto Histórico (1951-1966) e finalmente à Secretaria de Cultura do Estado (1967), onde ainda se mantêm hoje¹¹. Ao longo dessa trajetória, certamente transformou-se. Como pesquisadora, contudo, interessa-me discutir, em particular, os mecanismos de sua construção na primeira fase de sua implantação.

A problemática central, da presente investigação, consiste em avaliar a inserção do Museu Histórico do Ceará, na sociedade cearense, entre os anos de 1932 a 1935, a partir de uma análise do acervo museológico que a Instituição constituiu nesse período, através de inúmeras doações, vindas do interior e da capital, bem como de outros estados, realizadas por pessoas físicas e jurídicas. As perguntas que me nortearam foram: Que objetos estão sendo ofertados? Qual o lugar social das pessoas que estão realizando as ofertas? Quais os significados simbólicos investidos nas peças e que são pertinentes à decisão aparentemente banal de “presentear” uma organização pública? Que lugar esses objetos passam a ocupar na hierarquia institucional?

A analogia entre um *museu* e um *templo*, expressa no título que escolhi para a minha dissertação, sintetiza algumas considerações que foram emergindo com o decorrer da pesquisa. De acordo com Ulpiano Bezerra de Menezes¹², estamos imersos num oceano de objetos durante toda a nossa vida, mas boa parte de nós tem uma consciência muito superficial e descontínua das “coisas”, porque não somos educados para olhar e refletir sobre elas. Nos museus, onde essa *alfabetização visual* deveria se concretizar, o papel dos frequentadores, em geral, ainda está praticamente centrado no ato de *ver*, transformando todos em meros espectadores. Afinal, muitos museus foram e ainda são erigidos e preservados com as feições de *templo*, lugar da contemplação por excelência, quando poderiam adquirir a fisionomia de *fórum*, espaço para o estabelecimento dos debates e do conhecimento crítico.

Ao pensar a cultura material contida no Museu Histórico do Ceará, espero contribuir para uma discussão que está se fertilizando cada vez mais entre nós historiadores, que diz respeito ao exercício da *leitura da historicidade que há nos objetos*, observando-os como *indícios* de traços culturais da sociedade que os produziu ou os utilizou e se transformou a partir dos seus usos. Para além da simples contemplação, esses objetos devem ser inquiridos e interpretados, da mesma forma que fomos habituados, em nossa profissão, a exercer a crítica aos documentos escritos.

Tal proposta emerge na medida em que os pressupostos tradicionais sobre as relações entre os sujeitos e os objetos são questionados. A racionalidade moderna “... *construiu seu projeto de saber apartando a subjetividade do que lhe é exterior, propiciando a emergência de uma ansiedade cartesiana por classificar o real, instrumentalizar as coisas e afirmar o domínio do homem sobre a natureza*”. No entanto, “... *ao contrário do que preconizam os adeptos do moderno...*”, muitos pensadores contemporâneos¹³ proclamam a não existência “... *de uma assepsia (fora do pensamento abstrato) que demarque rigidamente as cesuras entre sujeito e objeto*”.¹⁴ Torna-se, então, fundamental estudar como os seres humanos criam e usam os seus legados tangíveis, do mesmo modo que *esses* criam e usam os seres humanos. “*Entre sujeito e objeto há uma (inter) ação que não foi vista pela filosofia racionalista (...) Impõem-se uma maneira de pensar que procura enxergar o que há de sujeito no objeto e o que há de objeto no sujeito (...) O ser do objeto existe na relação com o ser dos outros objetos e o ser humano*”.¹⁵

Longe de se configurar como uma valorização exacerbada dos vestígios materiais, portanto, essa pesquisa tem por objetivo focar as formas através das quais os sujeitos – alvos centrais de uma história social na qual eu estou filiada – interagem com os objetos que estão sendo doados ao Museu Histórico do Ceará, construindo memórias, expressando significados. Para analisar esse conjunto de objetos que formaram o acervo e as exposições do referido Museu, a noção de *indício*¹⁶, aliada à de *estranhamento*¹⁷, tem possibilitado um bom procedimento interpretativo, pois nos mostram que, além da atenção para o que é completamente desconhecido, devemos nos sentir estrangeiros frente à “detalhes” que, a princípio, parecem muito triviais e até mesmo secundários.

O recorte temporal adotado – 1932 a 1935 - justifica-se por várias razões. Coincide com a fase de implantação do Arquivo Público do Estado do Ceará, sob a gestão de Eusébio de Sousa - seu primeiro Diretor - dentro do qual foi instalado o Museu Histórico. É nesse momento que Souza investe numa política de arrecadação de objetos e documentos para formar o patrimônio do Museu - que em parte se mantêm até os nossos dias¹⁸ - verificada na mobilização das instituições e da população cearenses, através de ofícios, circulares e artigos, endereçados diretamente ou publicados nos principais periódicos locais da época, e na divulgação das contribuições, publicizadas em relações mensais no Diário Oficial do Estado do Ceará a partir de 1932 e, em casos especiais, também mencionadas em outros documentos oficiais e em matérias jornalísticas.

Nessas relações do Diário Oficial eram destacados os nomes do ofertante; indicações da sua posição sócio-profissional; o local de origem da doação; e a descrição da peça oferecida, realizada pelo doador, apontando em muitas ocasiões as intenções das ofertas. Essas relações constituem, sem dúvida, uma das fontes mais importantes desse trabalho. Após 1935, essa publicização das ofertas no Diário Oficial deixa de existir, assim como outros registros¹⁹ sobre as doações ao Museu

Histórico tornam-se cada vez mais escassos, a ponto de desaparecerem completamente depois de 1938²⁰.

Alem disso, no período em questão os museus do Brasil estão passando por uma grande reformulação, verificada a partir da década de 1920 como um fenômeno mundial: a decadência dos grandes estabelecimentos museológicos de história natural, fundamentados no paradigma evolucionista racial, que predominavam desde a segunda metade do século anterior²¹. Tais museus acabaram se reestruturando em outras bases teóricas, perdendo suas características enciclopédicas e especializando-se cada vez mais²², ou direcionaram-se para o culto da história e da arte brasileiras, sobretudo após o surgimento do Museu Histórico Nacional (1922), no Rio de Janeiro²³. Com o gerenciamento do intelectual cearense Gustavo Barroso, entre os anos de 1922 a 1959, a Instituição tornou-se o grande referencial de museologia do país²⁴.

Essa preocupação com o resgate da “história pátria” intensifica-se com a intervenção sistemática do Estado brasileiro na área cultural, logo após o episódio conhecido como a “Revolução de 1930”, ampliando-se ainda mais com a criação do Estado Novo (1937-1945). Antes, durante a vigência do liberalismo oligárquico da República Velha, as instituições culturais pareciam relegadas ao abandono, permanecendo a pernóstica importação das idéias e modas culturais estrangeiras²⁵. O próprio Museu Histórico Nacional sobrevivia aos ataques de parlamentares do Congresso Nacional que o viam como fonte de nepotismo e desperdício.²⁶

Embora o apoio oficial oferecido ao Museu Histórico do Ceará nem sempre tenha sido satisfatório²⁷, talvez pela sua distância em relação aos centros de decisão do país, tornando a atividade de montagem e manutenção do Museu Histórico uma *missão* dos seus organizadores, não se pode negar que a sua fundação, marcada pelo ineditismo do aparato oficial do governo estadual, está inserida neste contexto de investimentos de recursos públicos na criação de espaços físicos ou simbólicos, nos anos 30, onde os intelectuais e artistas pudessem pensar e trabalhar em prol da construção de uma cultura brasileira, que facilitasse a coesão social em torno de um único projeto político de nação idealizado pelo governo Vargas, de matriz ditatorial.²⁸

¹ BURKE, Peter. *A museificação dos museus* in Jornal Folha de São Paulo. Caderno Mais! Domingo, 02/06/1996. P. 05.

² SUANO, Marlene. *O que é Museu*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986. P.40.

³ Organizado como uma das dependências do Gabinete Cearense de Leitura. Cf. AZEVEDO (NIREZ), Miguel Ângelo de. *Cronologia Ilustrada de Fortaleza. Roteiro para um Turismo Histórico e Cultural*. Volume I. Fortaleza, Casa de José de Alencar –Programa Editorial / Banco do Nordeste.

⁴ Cf. HITOSHI, Nomura. *Um grande naturalista cearense: Francisco Dias da Rocha* in Revista do Instituto Histórico do Ceará. Fortaleza, vol 83, 1965.

⁵ Cf. SCHWARCZ, LÍlian Moritz. *O espetáculo das raças – Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

⁶ Cf. CORDEIRO, Celeste. *O Ceará na segunda metade do século XIX* in SOUZA, Simone (org). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 2000; PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque – Reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1999.

⁷ Quando foi criado, pelo decreto nº 643, de 29 de junho de 1932, expedido pelo Interventor Federal, Capitão Roberto Carneiro de Mendonça, o Museu era uma das dependências previstas para funcionar no prédio do Arquivo Público do Estado, também estabelecido no ano de 1932, pelo decreto nº 479, de 03 de fevereiro.

⁸ Pernambucano do Recife (1883 –1947), Eusébio de Sousa exerceu o cargo de juiz em diversas cidades do interior cearense. Dedicou-se intensivamente aos estudos históricos, escrevendo inúmeros livros e artigos para vários jornais locais e para revistas (não se restringindo, nesse caso, ao Ceará). Produziu também peças teatrais. Gostava particularmente de estar nas atividades de imprensa, nas quais começou desde o tempo de estudante, fundando jornais de menor porte, quase sempre de tom humorístico, como *O Recife*, *O Campo* e o *Correio do Norte* (Ipu), *Gazeta do Jaguaribe* (Russas), *O Sitiá* (Quixadá). Fundou e dirigiu o *Gazeta de Notícias* nos anos de 1928 a 1929. Foi membro do Instituto Histórico do Ceará - chegando a ocupar o cargo de Primeiro Secretário - e da Sociedade Numismática Cearense, onde dirigiu a Revista Numismática. Veja: GIRÃO, Raimundo e SOUZA, Maria Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1987, P. 197.

⁹ Diário Oficial. Decreto nº 643, de 29 de junho de 1932, expedido pelo Interventor Federal, Capitão Roberto Carneiro de Mendonça.

¹⁰ Ao passar para a administração do Instituto do Histórico do Ceará, em 1951, passou a ser intitulado como Museu Histórico e Antropológico do Ceará. O nome atual – Museu do Ceará – começou a vigorar em 1990, quando a Instituição já se encontrava vinculada a Secretaria de Cultura do Estado, a partir de 1967.

¹¹ Cf. MORENO, Márcia Rejane Bitu. *Museu do Ceará: Relatos da Administração de um bem cultural*. Monografia de Especialização em Gestão Pública, da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998; CASTRO, Manoel Sedrim de & MEDEIROS, José Hortêncio de. *Monografia do Museu Histórico e Antropológico do Ceará*. Fortaleza, SECULT, 1972; REIS, Clóvis de Matos & OLIVEIRA, Raimundo Eufrásio. *Monografia do Museu Histórico e Antropológico do Ceará*. Fortaleza, SECULT, 1976.

¹² BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano. *Para que serve um museu histórico* in Como explorar um museu histórico. Revista do Museu Paulista. São Paulo, USP, 1992;

¹³ LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro. Editora 34, 1994; MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1998; STALLYBRASS, PETER. *O casaco de Marx: roupas, memórias, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999; SIMOND, Gilbert. *Sobre a techno-estética: carta a Jacques Derrida* in ARAÚJO, Hermetes Reis de (Org.). *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo, Edições Liberdade, 1998.

¹⁴ SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo. Paisagens do consumo. Fortaleza no tempo da segunda grande guerra. Fortaleza; Coleção Outras Histórias; Museu do Ceará, 2002. P. 13 e 14.

¹⁵ LOPES, Régis. *Museu, ensino de história e sociedade de consumo* in Trajetos – Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. Vol 1, nº 01, Fortaleza, 2001. P. 118 e 119.

¹⁶ Cf. GINSBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* in Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

¹⁷ Cf. GINSBURG, Carlo. *Estranhamento. Pré-História de um procedimento literário* in Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

¹⁸ Muitas peças ainda se encontram nas exposições do Museu ou na sua reserva técnica. Outras foram se perdendo no decorrer das sucessivas mudanças de endereço da Instituição. Nesse sentido, creio que o meu trabalho pode constituir o início de um inventário das perdas que o Museu sofreu.

¹⁹ Refiro-me aos jornais da época e aos boletins e relatórios do Museu Histórico do Ceará, que também utilizo como fontes de pesquisa.

²⁰ Faço essa afirmação com base na seleção e na cópia que realizei de todos os artigos sobre o Museu Histórico, publicados nos jornais cearenses de 1932 a 1970, com exceção de dois periódicos - Unitário e Correio do Ceará - cuja pesquisa se estendeu apenas até 1951. Realizei tal tarefa na condição de coordenadora de uma equipe de bolsistas que executou um projeto para o Museu do Ceará, intitulado Museu 70 anos, no período de Agosto de 2002 a Fevereiro de 2003, visando reunir e disponibilizar de forma mais acessível, para a consulta pública, todas as informações divulgadas nos principais jornais locais sobre a Instituição. Os materiais foram encontrados disponíveis no Setor de Microfilmagem (*O Povo*) e na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel (*A Razão, A Rua, Correio do Ceará, Diário Oficial, Gazeta de Notícias, O Estado, O Nordeste e Unitário*), assim como no Instituto Histórico do Ceará (*O Nordeste, Unitário*), no Setor Histórico do Seminário da Prainha (*O Nordeste*), no Almoarifado do Tribunal de Contas do Ceará (*Diário Oficial*) e no Arquivo Público do Ceará (*Diário Oficial*).

²¹ SCHWARCZ, LÍlian Moritz. *Op. Cit.*

²² Os museus de história natural, do século XIX, abrigavam, sob o mesmo teto, grandes coleções de mineralogia, zoologia, botânica, paleontologia etc. A partir da década de 1920, essas coleções são separadas para compor museus específicos. Veja: LOPES, Maria Margaret. *A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX* in Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/ Humanitas Publicações, Vol. 21, nº 41, 2001.

²³ ABREU, Regina. *A fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

²⁴ Eusébio de Souza, por exemplo, costumava visitar o Museu Histórico Nacional, com o objetivo de estabelecer um intercâmbio que possibilitasse a troca de publicações, peças e informações com as instituições que ele representava. Veja: No Museu Histórico do Ceará. Interessante entrevista do Dr. Eusébio de Souza, seu ilustre Diretor, sobre assuntos ligados a existência daquela repartição. Jornal A Rua. Data: 26/05/1936. P.03 (Guarda e posse: Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza/ CE).

²⁵ Cf. WILLIANS, Daryle. *Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930-1960* in Anais do Museu Histórico Nacional. Vol. 29. Rio de Janeiro, 1997.

²⁶ BITTENCOURT, José Neves. *Observações sobre um museu de história do século XIX: O Museu Militar do Arsenal de Guerra* in Anais do Museu Histórico Nacional. Vol. 29. Rio de Janeiro, 1997. P.217; TELLES, Ângela Cunha da Mota. *Apontamentos sobre a história das atividades educativas do Museu Histórico Nacional, 1922-1968* in Anais do Museu Histórico Nacional. Vol. 29. Rio de Janeiro, 1997. P. 198; WILLIANS, Daryle. *Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930-1960* in Anais do Museu Histórico Nacional. Vol. 29. Rio de Janeiro, 1997. P. 153.

²⁷ O relatório apresentado por Eusébio de Sousa ao Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça, sobre as atividades realizadas pelo Arquivo Público / Museu Histórico em 1932, é o documento mais expressivo para percebermos o “jogo de cintura” de Eusébio de Souza para driblar as dificuldades financeiras apresentadas pela Instituição.

²⁸ Cf. BARBALHO, Alexandre. *Relações entre Estado e Cultura no Brasil*. Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1998. P. 15.